

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOSE APARECIDO MARQUES

*O SER PINHAIENSE ANTE A IRRUPÇÃO DO OUTRO HAITIANO: UM
ENCONTRO PEDAGÓGICO DE RECONHECIMENTO OU DE DOMINAÇÃO?*

CURITIBA
2015

JOSÉ APARECIDO MARQUES

*O SER PINHAIENSE ANTE A IRRUPÇÃO DO OUTRO HAITIANO: UM
ENCONTRO PEDAGÓGICO DE RECONHECIMENTO OU DE DOMINAÇÃO?*

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de especialista no Curso de Pós-
Graduação em Filosofia da Educação do Setor de
Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Celso de Moraes Pinheiro

CURITIBA
2015

TERMO DE APROVAÇÃO

JOSE APARECIDO MARQUES

O SER PINHAIENSE ANTE A IRRUPÇÃO DO OUTRO HAITIANO: UM ENCONTRO PEDAGÓGICO DE RECONHECIMENTO OU DE DOMINAÇÃO?

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob avaliação da seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Celso de Moraes Pinheiro
Orientador – Departamento de Educação, UFPR

Prof.^a Dr.^a Karen Franklin da Silva
Departamento de Educação, UFPR

Prof. Dr. Udo Baldur Moosburger
Departamento de Educação, UFPR

Curitiba, 16 de dezembro de 2015.

Resumo

Ante o fenômeno da imigração haitiana para o Brasil, especificamente no município de Pinhais, este trabalho traz em si o desejo de iniciar uma discussão filosófica sobre a irrupção do Outro haitiano no horizonte do Eu pinhaiense. Assim os primeiros capítulos desta tentativa consistem em contextualizar o recente episódio da imigração haitiana, o porquê da escolha do município de Pinhais e o desafio enfrentado pelo Ser pinhaiense ante a presença do Outro haitiano. Neste sentido, buscando exemplificar e universalizar as ideias de Emmanuel Lévinas - autor que constituirá a base da reflexão filosófica deste trabalho - se fará referência direta e incisiva, a partir do capítulo dois, ao pensamento do filósofo latino americano Enrique Dussel. Já nos capítulos posteriores, a reflexão filosófica é efetuada no sentido de indicar uma proposta educacional que reconheça a alteridade do outro em um encontro de reconhecimento mútuo.

Palavras-chaves: Eu pinhaiense. Outro haitiano. Alteridade. Encontro. Reconhecimento mútuo.

RÉSUMÉ

Devant le phénomène de l'immigration haïtienne au Brésil , précisément dans la ville de Pinhais, ce travail apporte avec soi le désir de commencer une discussion philosophique sur l'irruption de l'Autre haïtien dans l'horizon du Je pinhaiense. Ainsi, les premiers chapitres de cette tentative consistent à contextualiser l' épisode récent de l'immigration haïtienne, les raisons du choix de la Ville de Pinhais et le défi relevé par l'Être pinhaiense devant la présence de l'Autre haïtien. Dans ce sens, en envisageant exemplifier et universaliser les idées de Emmanuel Levinas - auteur qui est à la base de la réflexion philosophique de ce travail – on fera référence directe et incisive, à partir du chapitre deux, à la pensée du philosophe latino-américain Enrique Dussel. Cependant dans les chapitres suivants, la réflexion philosophique est faite pour indiquer une proposition de l'éducation qui reconnaisse l'altérité de l'autre lors d'une rencontre de reconnaissance mutuelle.

Mots-clés: Je pinhaiense. L'Autre haïtien. Altérité. Rencontre. Reconnaissance mutuelle.

SUMÁRIO

Introdução.....	07
1 Contextualização da imigração haitiana para o Brasil.....	08
1.1 Entrando no Brasil pelo estado do Acre (Brasiléia).....	08
1.2 Pinhais: um eldorado para os haitianos.....	09
1.3 O peso da cor negra <i>sentido na pele</i>	10
2 Um encontro de reconhecimento ou de dominação?.....	12
2.1 Identidade Pinhaiense redefinida.....	12
2.2 Sentimento de relativa superioridade transformado em preconceito.....	13
2.3 O Eu e o Outro, negro e pobre.....	14
3 O Ser versus o Não Ser.....	16
3.1 A epifania do Outro.....	15
3.2 O Eu versus o Outro distinto de mim.....	17
3.3 Um encontro de reconhecimento: eu diante de você.....	19
4 Uma educação que favoreça o reconhecimento da alteridade do Outro.....	20
4.1 Educar-se para encontrar o Outro sem reduzi-lo a um objeto, é possível?.....	20
4.2 Tolerância e respeito: valores de uma sociedade justa.....	21
4.3 Pensando a Educação do Eu na promoção do Outro.....	23
Considerações finais.....	25
Referências.....	27

Introdução

A partir de Janeiro de 2012 o Ser pinhaiense deparou-se com a irrupção de um Outro Ser que sendo negro, estrangeiro e sem conhecimento da língua portuguesa se fazia presente no mundo do Eu pinhaiense.

Diante desta inesperada epifania deste Outro, o Eu pinhaiense começou a perguntar-se: quem è este Outro? De onde Ele vem? E, o que Ele quer? Logo, soube-se que este Outro Ser é um refugiado humanitário, oriundo do Haiti (país reduzido às ruínas depois do terremoto de 2010) e tem a intenção de fixar residência no município em busca de melhores condições de vida.

Portanto, tendo por base as ideias norteadoras do pensador Emmanuel Lévinas que são corroboradas pelo filósofo latinoamericano Enrique Dussel, a intenção de pesquisa deste trabalho é iniciar uma discussão filosófica, cujo objetivo seja o de investigar e refletir sobre o poder pedagógico que a irrupção do Outro imigrante hatiano exerce sobre o Ser pinhaiense quando o interperla a assumir sua responsabilidade para a realização de um encontro autêntico e de reconhecimento mútuo.

Neste sentido o primeiro capítulo contextualiza o fenômeno recente da imigração haitiana para o Brasil. Já o segundo capítulo descreve o problema que a irrupção do Outro haitiano causa no Ser pinhaiense, no sentido de interpelá-lo a tomar uma decisão: acolhê-lo e aceitá-lo em sua alteridade, ou recusá-lo e negá-lo na tentativa de dominá-lo e reduzi-lo a um objeto. No terceiro capítulo a discussão é discorrida sob a luz do pensamento de Lévinas no sentido de fundamentar a uma filosofia da alteridade. Por fim, no quarto capítulo buscar-se-á, apontar uma educação que favoreça ao reconhecimento do Outro como fundamento da construção de uma sociedade democrática e justa *par excellence*.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL

Visto a amigável e positiva presença do Estado Brasileiro através dos seus soldados na coordenação da Missão das Nações Unidas no Haiti¹ desde 2004, e, após a astronômica catástrofe natural sofrida por este país ocasionada pelo mega terremoto em 12 de janeiro de 2010;² o governo Brasileiro entendeu por bem abrir um precedente diplomático para expandir ainda mais seu apoio e sua ajuda ao sofrido povo haitiano.

Desta forma, em 2012 o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) criou em caráter emergencial por meio da Resolução 97, o *Visto Humanitário* que possibilita ao imigrante haitiano gozar de um *status especial* quanto à política de imigração brasileira³.

1.1 – ENTRANDO NO BRASIL PELO ESTADO DO ACRE

A maioria dos imigrantes haitianos vem para o Brasil com a esperança de encontrar melhores condições de vida. Com a promessa de encontrar trabalho em um dos estados das regiões sul ou sudeste eles se colocam em marcha enfrentando um caminho duro e incerto. Pois, para chegar à destinação desejada, eles precisam fazer a travessia perigosa, por vez mortal, de um percurso que engloba no mínimo três países: República Dominicana, Equador e Peru.

Já em território brasileiro passam primeiro pela Polícia Federal para se cadastrarem e receberem um documento provisório com os números do protocolo e

¹ A República do Haiti se situa na parte Oeste da segunda maior ilha do Caribe, Espanhola que, depois de Cuba, é a segunda maior do arquipélago. Além de dividir espaço com a República Dominicana, que ocupa a maior parte da ilha, o Haiti possui, ainda, algumas ilhas satélites que são famosas pelo turismo como é o caso da *Ilha da Vaca*. Tal tem sido a exuberância deste país caribenho, por suas riquezas e belezas naturais, que os próprios franceses (colonizadores europeus) lhe deram o apelido de: *A Pérola das Antilhas*. Cf. <http://en.wikipedia.org/wiki/Haiti> .

² Cf. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1301201001.html> .

³ Fato louvável por um lado, mas complexo, e, às vezes confuso por outro. Pois, não sendo refugiados e nem apátridas propriamente ditos, os imigrantes haitianos entram no país com um *Visto Humanitário* ficando, na maioria das vezes desorientados e a mercê da boa ou má vontade das pessoas que encontram.

do CPF.

A maioria vem para as regiões sudeste e sul do país onde acreditam ter chances maiores de encontrarem um emprego.⁴

1.2 - PINHAIS: UM ELDORADO PARA OS HAITIANOS

Com a firme resolução de pisar no tão sonhado eldorado pinhaiense – sociedade democrática e justa onde valores como acolhida, tolerância, respeito mútuo e justiça oportunizam uma real possibilidade de prosperidade dos seus indivíduos – os haitianos chegam a Pinhais em busca de melhores condições de vida. Vida melhor que presumivelmente lhes será oferecida graças ao esclarecimento dos cidadãos pinhaienses que os acolherão. Ou seja, os haitianos esperam ser aceitos e acolhidos, não como simples imigrantes, migrantes, ou tão pouco como turistas, mas como o que de fato são: imigrantes com o status de refugiados humanitários.⁵

Desta forma, com o sonho de conseguir superar todos os obstáculos e obter sucesso e fortuna⁶, os imigrantes haitianos buscam organizar-se entre si para lograr a almejada façanha de tornarem-se membros efetivos enquanto cidadãos da sociedade pinhaiense.

Assim, formando grupos de até seis pessoas alugam uma casa em um dos bairros da periferia do município. Em princípio, tudo parece ser fácil, claro e lógico. Mas logo a dura realidade do dia a dia se lhes impõe e se lhes mostra que não será tão simples! Ou seja, para obter seus documentos, os haitianos são obrigados a passar pela via sacra da burocracia brasileira que, no caso deles, é elevada a um grau de dificuldade superior devido à falta de conhecimento da língua portuguesa.

⁴ Ressalta-se aqui a opinião unânime dos imigrantes haitianos em afirmar que em território brasileiro são bem tratados pelas autoridades brasileiras.

⁵ Note-se aqui que, em princípio, o cidadão pinhaiense irá adotar uma maneira diferenciada na acolhida deste Outro estrangeiro segundo o status com que ele se apresentar, isto é, um turista, um imigrante e um refugiado são sempre movidos pela necessidade. Necessidade de distração, de dinheiro ou de sobrevivência. Contudo, apenas os refugiados seriam dignos de compaixão – tratamento preferencial - e não turistas ou comuns imigrantes.

⁶ Por ser um Município novo e comportar um grande número de empresas, Pinhais oferece muitas oportunidades de trabalho que não necessita prévia formação. Fator que acaba o colocando em um pedestal, como sendo um Eldorado para os haitianos. Pois, uma vez que, ganhar um salário mínimo parece ser, em um primeiro momento, um excelente negócio para quem vem de um país devastado e pouca perspectiva de vida.

1.3 O PESO DA COR NEGRA *SENTIDO NA PELE*

Não obstante as inúmeras dificuldades enfrentadas pelos refugiados que em si mesmas seriam suficientes para desafiar o equilíbrio psíquico e físico de qualquer ser humano, entra em cena uma atitude negativa da população local. Isto é, diante do imenso aumento quotidiano do numero de refugiados haitianos (em sua maioria afro descendentes) começa a surgir no seio da comunidade pinhaiense um sentimento de aversão aos estrangeiros de pele negra que, às vezes, se tornam atitudes xenofóbicas e racistas.⁷ Atitudes estas, que poderiam ter como razões, entre outras, o medo de um eminente crescimento do desemprego e o consequente aumento da criminalidade. Além disso, o fato de existir de uma barreira lingüística e cultural entre o Ser pinhaiense e o Outro haitiano implica consequentemente no imediato não entendimento, por parte do Ser pinhaiense, do Agir deste Outro haitiano, e, portanto, a impossibilidade de se prever suas reações. Tal cenário acaba gerando na população pinhaiense sentimentos de insegurança e medo diante deste Outro negro e estrangeiro, fato que, infelizmente, transforma-se em um fortíssimo sentimento de aversão a estrangeiros de pele negra em geral. Daí o surgimento da pergunta: mas, caso fosse um imigrante alemão, italiano, francês, enfim um imigrante europeu de pele branca e olhos azuis, a comunidade pinhaiense agiria da mesma forma?

Entrevistas com imigrantes de pele branca e oriundos de países europeus desenvolvidos como a Alemanha, a Itália e a França demonstraram que não. Todos os entrevistados testemunharam que a população pinhaiense é sempre receptiva e, procura, imediatamente, se identificar com o mundo do velho continente.

De um certo modo, os pinhaienses tentam criar, ou buscam provar, um elo existente com o velho continente. Fato este que, neste caso, faz a diferença ao evidenciar o *peso da cor* sentido na pele quando se é um emigrante negado por ser negro ou aceito e identificado por ser branco. Pois para os pinhaienses, imigrantes da Europa evocam, na maioria dos casos, associações positivas. Ou seja, não são vistos como concorrência no mercado de trabalho, mas como parceiros que podem

⁷ Tal fator se acentua ainda mais diante da grave crise econômica que o Brasil atravessa no momento.

contribuir com seu Know-how; não representando, portanto nenhum perigo, mas ao contrário, trazendo progresso para o município. Ademais, historicamente os imigrantes europeus e norte americanos vêm de onde a maioria dos pinhaienses teria o desejo de ir se pudessem: a terra dos sonhos. Além disso, através das mídias, ou dos próprios contos dos ascendentes, os pinhaienses conhecem o comportamento e a formação dos europeus. Portanto, pode se inferir que para o Ser pinhaiense, o europeu de pele branca, ao contrário de ser visto como estrangeiro, será sempre considerado quase um membro da família.

2 UM ENCONTRO DE RECONHECIMENTO OU DE DOMINAÇÃO?⁸

Já na Grécia antiga, o início radical da filosofia como ontologia é enunciado por Parmênides, ou seja:

““o ser é, o não-ser não é”. O que é o ser senão o fundamento do mundo, o horizonte que compreende a totalidade dentro da qual vivo, a fronteira que nossos exércitos controlam? O ser coincide com o mundo; é como a luz (tò fôs) que ilumina um âmbito e que não é vista. O ser não se vê, vê-se o que ele ilumina: as coisas (tà ónta), os úteis (tá prágmata). Mas o ser é o grego, a luz da própria cultura grega. O ser chega até as fronteiras da helenidade. Para além, além do horizonte, está o ser, o bárbaro, a Europa e a Ásia. É na política, a de Platão, Aristóteles, Epicuro e dos estóicos que se descobre o sentido da ontologia”.⁹

2.1 IDENTIDADE PINHAIENSE REDEFINIDA

A cidade de Pinhais, originalmente território pertencente aos indígenas de troncos linguísticos Jê e Tupi,¹⁰ e, posteriormente região marcada fortemente pela presença de descendentes euro brasileiros, vê-se subitamente diante de um neofenômeno migratório. Todavia, esta nova leva migratória apresenta características bem peculiares das anteriores. Desta vez, os migrantes não são oriundos da Europa, Ásia ou do próprio interior do Estado, mas provêm da América central, de um país que ficou extremamente conhecido devido às catástrofes naturais sofridas: o Haiti.

Desta forma, de maneira súbita, a partir de 2012 a coreografia populacional de Pinhais começou a mudar. Em um curto período de tempo, percebeu-se o surgimento de um número, sempre crescente, de afroamericanos haitianos, compondo a cena do cotidiano pinhaiense. Cenas esporádicas tornaram-se mais e mais comuns, ao ponto de, em alguns bairros, se destacarem e se elevarem pela percepção popular ao grau de, assim chamadas, colônias.¹¹

⁸ A partir deste momento, no sentido de exemplificar e universalizar as ideias de Emmanuel Lévinas – autor que constitui a base desta reflexão filosófica – se fará referência, de modo incisivo e direto ao pensamento do filósofo latinoamericano Enrique Dussel.

⁹ Dussel, E. *Filosofia da Libertação na América Latina*. São Paulo: Loyola, s. d. p.12.

¹⁰ Cf., Pesquisas do professor e arqueólogo Igor Chmys no artigo: *Populações Indígenas: Os primeiros habitantes do território*, disponível em: <http://www.pinhais.pr.gov.br/acidade/FreeComponent16content279.shtml>.

¹¹ Torna-se sempre mais frequente o fato de se ouvir conversas entre moradores de Pinhais

Neste sentido, a comunidade “autóctone” de Pinhais, por força da circunstância imigratória, está se redefinindo e sendo convidada a uma reflexão profunda: ou domina este Outro o condenando a se transformar em uma extensão do *seu mesmo*, ou se abre ao acolhimento¹² deste *Outro em sua alteridade*, aceitando-o em seu seio e o reconhecendo enquanto *Outro* enriquecendo assim, sua diversidade cultural.

2.2 SENTIMENTO DE RELATIVA SUPERIORIDADE TRANSFORMADO EM PRECONCEITO

Ante a súbita emersão da imigração haitiana no município, a população pinhaiense deparou-se com o desafio de redefinir sua própria identidade. Pois, o fato de se defrontar com imigrantes afroamericanos com *status* de refugiados humanitários, fez com que os pinhaienses provassem um sentimento novo de relativa superioridade econômica em relação a estes desmunidos imigrantes haitianos que precisavam de urgente ajuda humanitária. Todavia, tal sentimento se revelaria ser, posteriormente, uma faca de dois gumes.

Pois, se por um lado a presença destes haitianos provava que Pinhais é um município desenvolvido ao ponto de oferecer asilo e de atrair¹³ imigrantes; por outro revelava uma crescente insegurança ante esta crescente ação humanitária uma vez que já se pressentia um certo temor em relação ao mercado de trabalho. Ou seja, a competição por um emprego, agora, seria mais acirrada: *os haitianos entravam em campo*.

Destarte, simultaneamente ao *desconfiado* sentimento de superioridade

referindo-se a alguns bairros da periferia como sendo verdadeiras Colônias de imigrantes Haitianos.

¹² Foi neste contexto que, em 2013, um grupo de voluntários (dos quais este autor faz parte), oriundos das mais diversas áreas, se reuniram com os membros do centro de Referência em Direitos Humanos de Pinhais e, resolveram agir em prol deste Ser haitiano, cuja presença interpelava a todos. Em um primeiro momento, sob o título de professores voluntários de língua portuguesa, começaram um trabalho de assistencialismo direto para amenizar as inúmeras necessidades e dificuldades que a comunidade haitiana estava enfrentando no processo de inserção social.

Com o passar do tempo, as atividades dos professores voluntários em prol dos haitianos foram se diversificando. Ou seja, várias parcerias surgiram. Hoje além de várias secretarias municipais envolvidas na causa haitiana, outros órgãos como o SESI, o IFPR e a própria UFPR entraram em cena para dar apoio as atividades já existentes.

¹³ Este é o momento em que o Ser do Eu Pinhaiense torna-se cômico de si e depara-se com a inédita erupção da alteridade do Ser do Outro Haitiano em seu horizonte.

ressentido pelos pinhaienses e o surgimento e agravamento de uma longa crise econômica se instalando pelo país, um sentimento de forte desconforto ante então desconhecido começava a nascer. Tal desconforto, somado ao constante aumento do número de haitianos no município de Pinhais, deu lugar a um sentimento de grande insegurança e medo destes estrangeiros. Não tardando a se transformar em uma espécie de xenofobia camuflada.

Diante de tal cenário desfavorável, e do inegável fato de os imigrantes haitianos serem, em sua grande maioria, afroamericanos e de origem humilde, constatou-se o surgimento, em uma parcela da população pinhaiense com menor poder aquisitivo, do fenômeno social do *bode expiatório*.¹⁴ Ou seja, algumas pessoas das camadas mais pobres da população pinhaiense começaram a projetar nos imigrantes haitianos todas suas frustrações econômicas e sociais, os culpando, obviamente, de todos os males presentes na sociedade.

Neste sentido, à medida que a crise econômica foi se acentuando no município, muitas pessoas começaram a perder seus empregos. Conseqüentemente, a população pinhaiense presenciou o crescimento de um sentimento negativo e adversativo em relação à presença dos imigrantes haitianos. O que antes era um sentimento latente, agora irrompia como em uma explosão, revelando um enorme preconceito em relação à presença dos imigrantes haitianos (por serem pobres, negros e estrangeiros).

Hoje em Pinhais, já não é mais raro ouvir conversas que denotam o alto grau de aversão a presença de haitianos no município. Nos parques ou no terminal de ônibus da cidade pode-se ouvir comentários como: *“esses imigrantes haitianos estão por toda parte. Já não temos trabalho nem para nós, e, agora ainda temos que agüentar essa gente que vem pegar o nosso emprego.”*

2.3 EU E O OUTRO, NEGRO E POBRE

De maneira indutiva, pode-se dizer que para os antigos gregos, o Ser (homem artesão, soldado ou aristocrático) era; o Não-ser (mulheres, crianças, escravos e estrangeiros) não era. Por analogia, no Império romano, o Ser romano

¹⁴ Cf. Girard, René. *O bode expiatório*. Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004, p. 203.

era; o Não-ser romano não era. Consecutivamente, no auge da expansão marítima, o Ser ibérico era; o Não-ser ibérico não era. Nos tempos modernos, o Ser (as super potências) era; o Não-ser (outras potências) não era. Hoje, na era contemporânea, o Ser (países capitalistas desenvolvidos) é; o Não-ser (países subdesenvolvidos) não é.

Neste sentido, analogicamente, ao se tratar da questão do Eu versus o Outro, pode-se dizer que o Eu pinhaiense (o Ser) em sua maioria descendente de eurobrasileiros (portanto do *centro*), é; já o Outro haitiano (o Não-ser) não é. Isto porque o Outro haitiano, além de ser estrangeiro, pobre e, em sua maioria negro, é um ser oriundo da periferia global, isto é, vem de um país pobre e devastado por disputas internas e catástrofes naturais. Portanto, pelo fato da percepção popular pinhaiense, em seu inconsciente, perceber este Outro como sendo proveniente da *periferia*, de um país menos desenvolvido que o Brasil, acaba Não o reconhecendo como ser e o designa como Não-ser, ou como *Nada* na linguagem Dusseliana, isto é:

“além do horizonte do ser, o outro é o bárbaro (que não é homem para Aristóteles), ou a mulher na sociedade machista (que é escrava para Freud), ou o órfão que na sociedade deve aprender tudo (como o Emílio de Rousseau). Visto que não é, enquanto alteridade da totalidade, pode-se também dizer que é nada”.¹⁵

¹⁵ Dussel, E. Filosofia da Libertação, p. 52.

3 O EU PINHAIENSE (SER) X O OUTRO HAITIANO (NÃO SER)

“L'altérité, l'hétérogénéité radicale de l'Autre, n'est possible que si l'Autre est autre par rapport à un terme dont l'essence est de demeurer au point de départ, de servir d'*entrée* dans la relation, d'être le Même non pas relativement, mais absolument. *Un terme ne peut demeurer absolument au point de départ de la relation que comme Moi.*”¹⁶

3.1 - A EPIFANIA DO OUTRO

O problema filosófico do emergir do Outro no horizonte do Eu, marcado na contemporaneidade “*pelo ódio para com o outro homem, o desprezo demasiado quotidiano para com ele e a surdez para com o seu queixume*”¹⁷ demanda a possibilidade de se formular uma resposta positiva para a resolução desta problemática.

Neste sentido, ao elaborar uma *ética da alteridade*, o pensamento de Emanuel Lévinas torna-se promissor enquanto resposta uma vez contextualizada a realidade do Eu pinhaiense versus o Outro haitiano. Pois, segundo Pivatto, Lévinas elabora um “*humanismo do outro homem*”, cuja originalidade consiste precisamente na *Ética, anterior à Ontologia e a qualquer Antropologia*”.¹⁸

Destarte, para Lévinas, o fato de o Outro emergir, através do seu rosto (*visage*), no horizonte do Eu, não se trata apenas de um aspecto fenomenológico, mas sim de uma epifania auto interpelativa e comunicativa. Ou seja, ante a irrupção do Outro no horizonte do Eu, não há como escapar da responsabilidade de dar-lhe uma resposta. Ou o *Eu* o aceita como Outro em sua alteridade, ou o Eu o nega, a fim de totalizá-lo como um objeto, e assim, dominá-lo.

Desta forma pode-se dizer que, ante a epifania do Outro, não é possível para o Eu permanecer na neutralidade uma vez que o sentido interpelativo do rosto do Outro emerge no em horizonte, convocando-o, permanentemente, a assumir sua responsabilidade: “*é em nome da responsabilidade por outrem, da misericórdia, da bondade às quais apela o rosto do outro homem que todo discurso da justiça se põe em movimento*”.¹⁹

¹⁶ Lévinas, E. Totalité et infini. pg. 26.

¹⁷ Chalier, Catherine. Lévinas: a utopia do humano. Lisboa: Instituto Piaget, 1999, p. 09.

¹⁸ Pivatto, Pergentino S. A ética de Lévinas e o sentido do humano: crítica à ética ocidental e seus pressupostos. Veritas, Porto Alegre, v. 37, n. 147, set. 1992, p. 335.

¹⁹ Lévinas, E. Entre nós: ensaio sobre a alteridade. Petrópolis, Vozes, 1997, p. 294.

Destarte, pode-se inferir que ante a epifania do Outro haitiano (afroamericano e carente), o Eu pinhaiense está intimado a assumir sua responsabilidade perante o rosto deste Outro (imigrante) que “*se apresenta e reclama justiça*”.²⁰

3.2 O EU VERSUS O OUTRO DISTINTO DE MIM

“No fato de sua independência, da cultura livre e exterior da substantividade humana, se funda o fato de que cada indivíduo humano seja distinto e não meramente diferente. A espécie humana não é constituída unicamente que diferem de uma identidade. A espécie humana é formada por indivíduos distintos, coisas que operam história.”²¹

Ante a irrupção do Outro no horizonte, no mundo do Eu, emerge com nitidez o fato de que o sistema do mesmo (o mundo do Eu) não é absoluto. Por conseguinte, diante desta epifania do Outro, o Eu torna-se cômico da existência de um Outro ser análogo a si. Ou seja, diante deste face a face com o Outro que provoca o Eu, que o interpela clamando por justiça, ou que tenta totalizá-lo sob seu domínio, o Eu depara-se com a possibilidade de adotar uma das duas posturas: ou vê este Outro simplesmente como um ente subjugado e totalizado dentro do seu mundo, isto é, reduzido a um simples objeto, portanto, passível de qualquer tipo de manipulação;²² ou, vê este Outro em seu mundo (mundo do Eu) como sendo distinto de si, portanto, não mais como diferente. O que implicaria dizer, que a partir deste momento o Eu o aceita como sendo um ser Outro análogo a si.

Assim, ante esta epifania do Outro, o Eu só pode aceitá-lo se fizer um ato de fé, uma vez que este Outro emerso em seu horizonte, é ainda um mistério que se dá a conhecer, somente através de sua fala. Portanto, ao Eu caberá unicamente aceitá-lo e acolhe-lo através de sua palavra. Não restando a si outra alternativa. Ou aceita este Outro por aquilo que ele se revela, isto é, por ser um Outro distinto de si, ou o nega como Outro, reduzindo-o exclusivamente aos demais entes, logo, negando-o em sua distinção.

²⁰ Lévinas, E. Totalidade e infinito. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 274.

²¹ Dussel, E. Filosofia da Libertação na América Latina. São Paulo: Loyola, s. d. p.119.

²² Neste caso, o Outro é visto como diferente do Eu e não como análogo a si, sendo, portanto, negado em sua distinção.

Destarte, ter uma atitude de abertura, diante do Outro que emerge no horizonte do Eu, é segundo Melo, acolher este Outro com tamanho respeito e despojo como se o Eu adentrasse um solo santo, com absoluta sacralidade. Ou seja, *“Para aproximar-se dele é necessário tirar as sandálias, despojar-se de si mesmo, escutá-lo, e fazer se responsável pela sua existência”*.²³

Neste sentido, para Lévinas, à proporção que o Eu se abre para o Outro e procura, diante deste Outro, adotar uma atitude de acolhida e bondade, neste preciso momento a vida se lhe manifesta, desabrocha em toda sua plenitude. Ademais, é justamente esta dimensão ética (o Eu estar aberto para o Outro) que se torna *conditio sine qua non* para que o processo de humanização do homem seja possível.

Tal pensamento de Lévinas é aprofundado e ilustrado por Dussel quando este discorre sobre a primeira experiência do ser humano (total abertura ao Outro) como sendo *par excellence* uma experiência de proximidade. Ou seja:

“A proximidade primeira, a imediatez anterior a toda imediatez, é o mamar. Boca e mamilo formam a proximidade que alimenta, acalenta, protege. As mãos da criança que tocam a mãe ainda não brincam nem trabalham. A mesma boca que suga não lançou discursos, insultos ou bênçãos; não mordeu a quem odeia, não beijou sua amada ou amado. É a imediatez anterior a toda distância, a toda cultura, a todo trabalho; é a proximidade anterior à economia; é já a erótica, a pedagógica e política (...) é somente o começo pessoal, singular de cada um”.²⁴

Deste modo, por analogia, pode-se inferir que: à medida que o Ser pinhaiense vai acolhendo o Outro haitiano, ele vai realizando um encontro pedagógico de reconhecimento deste Outro, e vai, simultaneamente, consolidando sua humanidade uma vez que vai recuperando sua experiência primeira que o distingue dos animais, a proximidade (abertura total ao Outro), e, se lhe vai abrindo a possibilidade para sua plena realização: a suprema abertura ao Outro transcendente.

²³ Melo, Nélcio Vieira de. A ética da alteridade em Emmanuel Levinas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 22.

²⁴ Dussel, E. Filosofia da Libertação na América Latina. São Paulo: Loyola, s. d. p. 24.

3.3 UM ENCONTRO DE RECONHECIMENTO: EU DIANTE DE VOCÊ

“L'épiphanie d'autrui est ipso facto ma responsabilité à l'égard d'autrui: la vision d'autrui est d'ores et déjà une obligation à son égard. L'optique directe — sans médiation d'aucune idée — ne peut s'accomplir que comme éthique.”²⁵

À luz do pensamento de uma ética da alteridade defendida por Lévinas como abertura total para o Outro, infere-se que, à medida que este Eu se predispõe a assumir uma conduta, sempre, de acolhida deste Outro em sua alteridade, ele enseje a possibilidade de um verdadeiro *encontro* de reconhecimento entre o Eu e o Outro. Pois, ao adotar uma postura de total abertura e acolhimento para com o Outro, o Eu aceita o Outro em toda sua alteridade.

Desta forma, quanto mais o Eu estiver disposto a acolher o Outro, mais ele se distanciará da ideia de totalizá-lo, de subjugá-lo, de dominá-lo. Consequentemente, esta ideia de infinita abertura ao Outro vai aos poucos permeando o ser do Eu, e, concomitantemente, dismantando todo o conceito vigente de totalidade e dominação do Outro existente na cultura ocidental.

Portanto, se a atitude do Eu diante do Outro for sempre hospitaleira, de respeito, e de anseio para encontrá-lo em sua alteridade, dar-se-á uma relação inter-humana entre o Eu e o Outro. Este é o momento do reconhecimento onde o Outro se torna um Você para o Eu passando a ser estimado e apreciado em toda sua alteridade.

A partir deste instante, o Eu já não tem mais medo deste Outro (Você); pois, Você já não é mais nenhum lobo, nenhum inferno para si. Por conseguinte, já não procura mais totalizar este Outro (Você) diante de si... uma vez que se sente livre para entrar em relação com qualquer Outro (Você), pois intuitivamente vai lhe ficando claro que, em última instância, é esta relação inter-humana (social) que será elevada a uma dimensão divina. Pois, como afirma Lévinas, “*Poser le transcendant comme l'étranger et pauvre, c'est interdire à la relation métaphysique avec Dieu de s'accomplir dans l'ignorance des hommes et des choses. La dimension du divin s'ouvre a partir du visage humain.*”²⁶

²⁵ Lévinas, E. Quatre lectures talmudiques. Paris: Minuit, 1968, p. 103-104

²⁶ Lévinas, E. Totalité et infini. Essai sur l'extériorité. Paris: Livres de poche. 1990, p. 76.

4 UMA EDUCAÇÃO QUE FAVOREREÇA O RECONHECIMENTO DA ALTERIDADE DO OUTRO

“A 'ontologia do eu' reduz o outro a mesmice, a um ente. Somente o desejo pode transcender o eu solipsista e permitir que o outro se manifeste em sua plena cidadania [...] nesta desconstrução da 'ontologia do eu', Levinas tematiza a subjetividade e alteridade como efetivação da práxis social [...] o outro está para além das totalidades ontológicas e se manifesta como desejo do infinito para buscar a relação pessoa-pessoa.”²⁷

4.1 EDUCAR-SE PARA ENCONTRAR O OUTRO SEM REDUZÍ-LO A UM OBJETO; É POSSÍVEL?

Vis-à-vis a presença de uma atitude sempre totalizadora do Ser do Eu perante a alteridade do Outro, vem à tona a pergunta: como então “(...) *peut-il entrer en relation avec un Autre sans le priver aussitôt de son altérité?*”²⁸ Em outras palavras, é possível no dia a dia da existência humana tecer relações que compreendam o Outro em sua alteridade, sem totalizá-lo ou coisificá-lo? Ante tal questionamento, uma possível resposta, paralelamente a Lévinas,²⁹ poder ser encontrada no pensamento de Jean Paul Sartre.

Ou seja, para Sartre, no momento em que acontece o *encontro* entre o *Eu* e o *Outro*, não há separação. Assim, quando o Eu e o Outro estão, simultaneamente, tomando consciência de suas respectivas existências emergindo um no *Mundo* do outro; o Outro causa um tal estranhamento para o Eu que acaba por desencadear um reconhecimento prévio das intenções que este Outro tem sobre Si (o Eu). Ou seja, na linguagem do próprio Sartre: “*perceber é olhar, e captar um olhar não é apreender um objeto-olhar no mundo (...), mas tomar consciência de ser visto.*”³⁰

Destarte, ante este impactante encontro entre o Eu e o Outro que, através de seu olhar se revela, não simplesmente como um ente qualquer, mas sim, como

²⁷ Costa, José André da. Crítica ao modelo moderno de subjetividade: a proposta de subjetividade no pensamento de Levinas. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/472/860>

²⁸ Lévinas, E. Totalité et infini. Essai sur l'extériorité. Paris: Livres de poche. 1990, pg. 27

²⁹ Para Lévinas o encontro face à face acontece somente se Eu o desejar e decidir-se por ele. Isto é, sem o desejo, e a firme decisão ética do Eu em abrir-se incondicionalmente para o Outro, o Encontro - face a face - nunca acontecerá. Pois, para Lévinas é somente o desejo metafísico que “*tend vers tout autre chose, vers l'absolument autre.*” Idem. pg. 21.

³⁰ Sartre, J. P. O ser e o nada – Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 333.

um ente-Outro que tem a mesma capacidade do Eu de totalizar ou objetivar os entes de seu mundo, o Eu tende a se colocar, instintivamente, em uma posição de defesa. Fato este que, conseqüentemente produz uma luta continua a fim de galgar uma posição na qual um possa totalizar e dominar o Outro.

É nesta relação onde se busca desenfreamento o poder de dominar o Outro que surge uma situação de perene conflito. Isto é, o Outro na percepção do Eu passa a ser um inferno para si, pois o seu olhar crítico irrompendo no horizonte do Eu, passa a escrutiná-lo com o propósito de defini-lo. É esta definição do Outro sobre o ser do Eu que deve ser interpretado em suas relações quotidianas como sendo o próprio inferno. Ou seja, *o inferno são os outros*³¹ quando petrificam o Eu em suas definições sem deixar a mínima possibilidade para que Este possa se reconstituir, se redefinir em sua identidade.³²

Contudo, a saída para ambos (Eu e Outro) escapar da eminente armadilha de ser um para o outro um inferno, reside tão somente em um encontro cujas atitudes de Um e Outro sejam de abertura recíproca³³, onde ambos os olhares em sincrônica harmonia consigo oportunizem o reconhecimento mútuo do Outro.

4.2 TOLÊRANCIA E RESPEITO: VALORES IMPRESCINDÍVEIS NA CONCEPÇÃO DE UMA SOCIEDADE JUSTA

*“Le respect est une valeur essentielle sans laquelle les hommes ne peuvent pas vivre ensemble. Nous devons respecter celui qui nous ressemble, mais aussi celui qui diffère, sa culture, ses coutumes, sa religion, sa langue. [...] L'éducation ne consiste pas à accepter l'enfant "tel qu'il est", avec son égocentrisme, ses colères..., mais à le conduire de la nature à la culture, c'est-à-dire à se montrer capable de respect.”*³⁴

³¹ Cf.: http://www.philo5.com/Les%20philosophes%20Textes/Sartre_L'EnferC'EstLesAutres.htm.

³² “Et il existe une quantité de gens dans le monde qui sont en enfer parce qu'ils dépendent trop du jugement d'autrui.” (E existe uma quantidade de pessoas no mundo que estão no inferno porque eles dependem demais do julgamento [da definição] de outrem). SARTRE, J. P. Minha própria tradução em http://www.philo5.com/Les%20philosophes%20Textes/Sartre_L'EnferC'EstLesAutres.htm.

³³ Mesmo se para Lévinas a relação permanece sempre não-simétrica, ou seja: “*je suis responsable d'autrui sans attendre la réciproque, dût-il m'en coûter la vie.*”

³⁴ Disponível em: <http://www.neoprofs.org/t59564-respecter-autrui-est-ce-l-accepter-tel-qu-il-est-elements-de-reflexion>, 12. April 2015. .

O surgimento da sociedade (Estado) dá-se com um pacto social realizado por indivíduos, que em seu estado de natureza – seja o *bom selvagem* de Rousseau ou o *homem naturalmente mau* de Hobbes - decidem fazer parte de uma sociedade que lhes garantam ganhos maiores em termos “*de preservação da vida, da liberdade, da propriedade, da igualdade, dos bens e da segurança e do respeito às leis que deveriam submeter igualmente a todos.*”³⁵

Todavia, para se constituir tal sociedade – justa por excelência - que preserve e garanta a todos os seus membros os mesmos direitos e deveres, os indivíduos que a compoem devem ser educados para respeitar-se e tolerar-se mutuamente.

Neste sentido, as ideias dos filósofos Höffe e Rawls são extremamente pertinentes à discussão do tema em questão uma vez que ambos definem educação como sendo a *moralização* e a *humanização* de seus indivíduos.³⁶ Isto é, para se atingir um Estado democrático ideal - que possibilite a todos seus cidadãos as mesmas *condições de igualdade e liberdade* - é necessário que todos seus membros sejam educados ao respeito e a tolerância.³⁷ O que, na linguagem de Lévinas, equivale dizer: aceitar³⁸ o Outro em sua alteridade sem contudo menosprezar a justiça³⁹.

Desta forma, para Höffe os indivíduos (alunos) devem ser instruídos a adotar uma postura de cidadãos que preservem conceitos que os possibilitem a agirem *como pessoas razoáveis* (tolerantes) no exercício cotidiano da cidadania. Deste modo, a atuação dos indivíduos entre si – interagindo como pessoas tolerantes (razoáveis) *em suas relações políticas públicas* - deve sempre primar pelo *uso de ideias e valores de uma razão pública* que priorize o bem comum.

³⁵ Leopoldi, José Sávio. *Rousseau – estado de natureza, o “bom selvagem” e as sociedades indígenas* em

³⁶ Cf. Pinheiro, C. M., *Tolerancia e Respeito à Alteridade em uma Educacao Democrática*. Disponível em:

https://books.google.com.br/booksid=3eqJCgAAQBAJ&pg=PA13&lpg=PA13&dq=artigos+de+Celso+moraes+Pinheiro&source=bl&ots=gurO5V0BX9&sig=IPR8_J56r5gHJu6H1ApGXyE5u4l&hl=en&sa=X&ved=0CC4Q6AEwAmoVChMlxaiF0vWXYAIVARGQCh0s0Am2#v=onepage&q=artigos%20de%20Celso%20moraes%20Pinheiro&=false

³⁷ Idem, ibidem

³⁸ Ou seja, eu devo deixá-Lo passar a frente: *depois do Senhor, com Sua permissao, queira me desculpar...* preservando assim as regras da boa educação - sem as quais não haveria relação possível entre os homens.

³⁹ *É a hora da justiça. (...) Há necessidade de instituições que arbitrem e uma autoridade política que a sustente. A justiça exige e funda o Estado.*” Lévinas, E. *Entre Nós – ensaios sobre a alteridade*. Disponível em <https://olimpiadafilosofiasp.files.wordpress.com/2012/03/entre-nos-ensaios-sobre-a-alteridade-emmanuel-levinas.pdf>.

Já para Höffe, o ideal de educação é o próprio *processo de socialização, civilização e moralização* do ser humano. Isto é, a educação *par excellence* é aquela que instrui o cidadão segundo os *princípios do respeito e da tolerância*. Pois, para ele uma sociedade justa deve ser consequentemente tolerante.

4.3 PENSANDO A EDUCAÇÃO DO EU PINHAIENSE NA PROMOÇÃO DO OUTRO HAITIANO

“Nossa grande civilização ocidental é este monumento dúbio: sabemos como fazer bilhões de contas por segundo ou como ir a Marte, mas “não sabemos” como livrar o mundo da fome ou respeitar a alteridade de culturas ou pessoas que não se enquadrem em um determinado sistema social, cultural ou econômico.”⁴⁰

Segundo Timm de Souza, tal percepção acima descrita revela a terrível realidade de insegurança e desorientação vivenciada pelo homem contemporâneo. Tal instabilidade existencial manifesta um enorme medo diante do desconhecido, isto é, teme-se o futuro, a vida, e principalmente o Outro diferente de si. Contudo, é justamente neste momento de instabilidade ou de crise, onde tudo parece negativo e fadado ao aniquilamento, que Timm de Souza traz luz e esperança para o homem contemporâneo ao indicar um caminho para que este restabeleça seu equilíbrio existencial.

Neste sentido, ele resgata da língua grega o sentido próprio da palavra *crise* e restaura seu significado original como sendo “julgar”, “distinguir”, “avaliar” e “romper com”. Desta forma, Tim Souza tece sua argumentação definindo este momento de *crise* como sendo um tempo privilegiado de possível *superação* das condições negativas vigentes.

Portanto, pode-se inferir analogicamente que, por trazer em si uma carga potencial de imensa positivação do real e da própria Alteridade, o Eu pinhaiense pode diante do Outro haitiano (situação de crise) constantemente redefinir sua identidade enquanto ser humano; pois, como afirma Tim Souza, é devido às crises (momentos privilegiados de encontros entre o Eu e o Outro em sua alteridade) que os seres humanos têm a oportunidade de se conhecerem melhor, e é graças às

⁴⁰ Tim de Souza, R. *EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI – condições de possibilidade*. Artigo publicado em março 2013 in <http://timmsouza.blogspot.com.br/2013/03/educacao-no-seculo-xxi-condicoes-de.html> .

crises culturais que diferentes culturas podem vir a se entenderem melhor.⁴¹

Nesta perspectiva, o Eu pinhaiense diante da crise do aparecimento do Outro haitiano não deve se render ante a alteridade que emerge em seu horizonte, mas deve aproveitar deste instante privilegiado e assumir a responsabilidade pelas extraordinárias potências que irrompem deste árduo e complexo embate ocasionado pelo encontro. Portanto, ante a Crise do Eu (pinhaiense) e o Outro (haitiano), não se pode adotar uma percepção totalizante; mas sim uma atitude de

*“apreciação conseqüente das parcialidades que nos são dadas, ou seja, o seu assumir de forma a honrar dignamente este desafio, é o ponto de partida que indubitavelmente nos cabe. Este é também, em nosso ver, a condição de possibilidade para pensar a Educação e a Ciência no século XXI; pois o único modo de pensá-las parte, segundo nosso ver, na trilha arduamente aberta pelo pensamento do filósofo Emmanuel Levinas, por um respeito radical à Alteridade do Outro.”*⁴²

⁴¹ Idem

⁴² Idem

Considerações finais

Ante o fenômeno da imigração haitiana para o Brasil, especificamente no Município de Pinhais, este trabalho quis oportunizar o início de uma discussão que possibilite a acolhida do Outro - enquanto processo educacional - a fim de engendrar as bases comuns de valores como tolerância e respeito no fortalecimento e consolidação de uma sociedade democrática e justa *par excellence*.

Durante a discussão buscou-se descrever a dura realidade vivida pelos imigrantes haitianos no município, e ao mesmo tempo, fundamentando-se nos pensamentos de Emmanuel Lévinas, analisar as interpelações que a irrupção deste Outro estrangeiro (*son visage*) no horizonte do Eu (*mon monde*) implica.

Neste sentido, sob a luz do pensamento do filósofo francês, investigou-se a presença do Outro que se revelou portador da ambivalência de uma força automotriz que:

a) possibilita e desencadeia um processo educativo – quando acolhido - causando uma tal surpresa no Eu pinhaiense que, por si mesma, tem o potencial de educá-lo no sentido de atraí-lo e convidá-lo a um acolhimento, sempre maior, da alteridade deste Outro. Ou seja, a irrupção do rosto⁴³ do Outro haitiano, quando acolhida, interpela e ativa o pensamento do Eu pinhaiense, colocando-o em um movimento contínuo para uma abertura progressiva à Alteridade. Pois, segundo Lévinas é do rosto do Outro que provém a ética “*l'autrement qu'être*”.

b) ou gera um eterno processo conflitivo (situação de guerra) – quando recusado em sua alteridade – como mecanismo de auto defesa contra toda e qualquer tentativa de dominação por parte do Eu a fim de subjulgá-lo.

Destarte, ante *l'épifanie de l'autre*, o Eu é convocado a assumir sua responsabilidade: ou recusa o Outro e aceita a implicação de tal decisão, isto é, viver em uma situação de permanente conflito, o que seria um retorno à barbarie; ou decide acolhê-lo em toda sua alteridade consolidando assim sua própria humanidade. Pois como o próprio Lévinas diz:

⁴³ Pois, o conceito de *visage*, além de significar simples aparência, denota também “*la manière dont se présente l'Autre, dépassant l'idée de l'Autre en moi*” Cf. E. Lévinas. *Totalité et infini*, p 43.

“C'est seulement en abordant Autrui que j'assiste à moi-même. Non pas que mon existence se constitue dans la pensée des autres. (...) Le visage que j'accueille me fait passer du phénomène à l'être dans un autre sens: dans le discours je m'expose à l'interrogation d'Autrui et cette urgence de la réponse - pointe aiguë du présent - m'engendre pour la responsabilité; comme responsable je me trouve ramené à ma réalité dernière.”⁴⁴

Portanto, ao decidir-se pela ética da alteridade, o Ser pinhaiense inicia um processo de reconhecimento do Outro. Em outras palavras, ao reconhecer, aceitar, tolerar e respeitar o Outro haitiano, o Eu pinhaiense opta por estabelecer os fundamentos de uma relação interpessoal de acolhimento e reconhecimento deste Outro que proporciona, conseqüentemente, a vivência de uma situação de cidadania, justiça e respeito - componentes imprescindíveis para a construção de uma sociedade democrática e justa. Ademais, tal atitude de abertura ao Outro conduz o Ser do Eu à descoberta de uma outra ordem que está além de si, que em última instância, pode ser chamado de transcendente ou *o absolutamente Outro*.⁴⁵

⁴⁴ Lévinas, E. Totalité et infini. Essai sur l'extériorité. Paris: Livres de poche. 1990, pg. 194

⁴⁵ Segundo Zembylas, ante a impossibilidade de conhecer totalmente a alteridade do Outro, o Ser do Eu é levado a ter uma atitude de infinita abertura ao Outro, culminando em uma abertura sempre maior ao transcendente: o absoluto Outro. Cf. Michalinos Zembylas, “A Pedagogy of Unknowing: Witnessing Unknowability in Teaching and Learning”, *Studies in Philosophy and Education* 24 (2005), pag.146.

Referências

Chalier, Catherine. Lévinas: a utopia do humano. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

Dussel, E. Filosofia da Libertação na América Latina. São Paulo: Loyola.

Filosofia da libertação: Crítica à Ideologia da Exclusão. São Paulo: Editora Paulus. 2^a edição. 1995.

Girard, René. *O bode expiatório*. Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

Lévinas, Emmanuel. Totalidade e infinito. Lisboa: Edições 70, 2000.

Levinas, Emmanuel, Totalité et infini: Essai sur l' extériorité, Paris: Livres de poche. 1990.

Lévinas, Emmanuel. Entre nós: ensaio sobre a alteridade. Tradução de Pergentino Stefana Pivatto, Petrópolis, Vozes, 1997.

Lévinas, Emmanuel. Quatre lectures talmudiques. Paris: Minuit, 1968.

Melo, Nélcio Vieira de. A ética da alteridade em Emmanuel Levinas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

Pivatto, Pergentino S. A ética de Lévinas e o sentido do humano: crítica à ética ocidental e seus pressupostos. Veritas. Porto Alegre: Veritas, v. 37, n. 147, set. 1992

Sartre, Jean Paul. O ser e o nada – Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

INTERNET SITES

A Pérola das Antilhas. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Haiti>. Acesso em 01/08/15.

Terremoto de grande magnitude atinge haiti. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1301201001.htm>. Acesso em 01/08/15.

Populações Indígenas: Os primeiros habitantes do território,.disponível em: <http://www.pinhais.pr.gov.br/acidade/FreeComponent16content279.shtml>. Acesso em 02/08/15.

Sartre, J. P. Disponível em: http://www.philo5.com/Les%20philosophes%20Textes/Sartre_L'EnferC'EstLesAutres.htm Acesso em 26/09/15.

Pinheiro, C. M. *Tolerância e Respeito à Alteridade em uma Educação Democrática*.

Disponível em:

https://books.google.com.br/booksid=3eqJCgAAQBAJ&pg=PA13&lpg=PA13&dq=artigos+de+Celso+moraes+Pinheiro&source=bl&ots=gurO5V0BX9&sig=IPR8_J56r5gHJu6H1ApGXyE5u4I&hl=en&sa=X&ved=0CC4Q6AEwAmoVChMIxaiF0vWXyAIVARGQCh0s0Am2#v=onepage&q=artigos%20de%20Celso%20moraes%20Pinheiro&f=false Acesso em 27/09/15.

Tim de Souza, R. *EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI – condições de possibilidade.*

Disponível em: <http://timmsouza.blogspot.com.br/2013/03/educacao-no-seculo-xxi-condicoes-de.html> Acesso em 03/10/15.